

Polícia vai indiciar seis pessoas

GUILHERME GOULART
DA EQUIPE DO CORREIO

A polícia concluiu que a Cimento Planalto (Ciplan) tem responsabilidade na tragédia com o menino Moisés Souza Soares, de 5 anos. A investigação revelou que o acidente, provocado pelo contato do garoto com um monte de munha (pó inflamável que serve de combustível para a fabricação de cimento), poderia ter sido evitado caso a fábrica cumprisse a obrigação de oferecer segurança nos arredores da empresa. Moisés mora em Queima Lençol, comunidade rural de Sobradinho II, distante 35km de Brasília. Teve 40% do corpo queimado em agosto do ano passado. E perdeu dedos dos pés e das mãos.

O delegado-chefe da 35ª DP (Sobradinho II), Marcos Antônio Naves de Oliveira, afirmou que a análise topográfica da região comprovou que o local do incidente se encontra nos domínios da Ciplan. Moisés se feriu ao brincar em um terreno próximo da casa onde mora com a mãe, Maria José Souza Silva, e os seis irmãos. "A fábrica tinha por obrigação manter a vigilância sobre toda a área que a ela pertence. Principalmente porque ali há trânsito de pessoas", entendeu Oliveira.

A conclusão policial dá condições ao Ministério Público para denunciar a Ciplan em uma ação civil pública. A Defensoria Pública deverá pedir indenização por danos morais e físicos em nome da família de Moisés. Exame de corpo de delito constatou ainda as consequências do acidente. O laudo indica "incapacidade permanente para trabalho". Diz também que o menino correu risco de "desidratação severa", infecção no sangue e anemia ao cair no monte de munha.

"Em qualquer lugar"

De acordo com o delegado Oliveira, o inquérito que apura o caso deve ser concluído em até 10 dias. Seis pessoas serão indiciadas por lesão corporal gravíssima. São dois motoristas de caminhão, dois autônomos e dois gerentes da Ciplan. A participação deles no crime ficou evidente durante a fase de depoimentos. Um dos condutores chama-se João de Oliveira Matos, 48 anos. Ele disse à polícia que trouxe o pó inflamável de Alvorada do Norte (GO). Deveria entregá-lo à Ciplan, mas o material acabou rejeitado pelo controle de qualidade da fábrica.

Matos acrescentou que foi orientado por dois gerentes da empresa — um de segurança e outro de produção — a "jogar o produto em qualquer lugar". Disse que pagou R\$ 40 a dois homens para descarregar a munha perto da casa de Moisés. E que sabia do risco. Os acusados foram identificados pela polícia. Mas falta ouvir mais um condutor, suspeito de abandonar o material no mesmo dia. O advogado da Ciplan, Ailton Rocha Nóbrega, acredita que houve precipitação da polícia. "É preciso ouvir todo mundo. A fábrica não tem condições de tomar conta da área externa. É dever do Estado", defendeu.

Fotos: Iano Andrade/CB



MARIA JOSÉ DIZ QUE MOISÉS NÃO QUER MAIS SAIR DE CASA E QUE A VIDA DELE É PURO SOFRIMENTO: "BRINCA COM OS PEZINHOS, POIS TEM DIFICULDADES COM AS MÃOS"



DELEGADO OLIVEIRA MOSTRA A ÁREA SOB RESPONSABILIDADE DA EMPRESA

“A FÁBRICA TINHA POR OBRIGAÇÃO MANTER A VIGILÂNCIA SOBRE TODA A ÁREA QUE A ELA PERTENCE, PRINCIPALMENTE PORQUE ALI HÁ TRÂNSITO DE PESSOAS”

Marcos Antônio de Oliveira,
delegado-chefe da
35ª DP (Sobradinho)

Choro e sofrimento

Moisés Souza Soares, 5 anos, é um sobrevivente, mas também um menino traumatizado. Desde que se queimou e perdeu dedos dos pés e das mãos em um monte de munha, a infância do garoto de Queima Lençol virou um sofrimento. Passa os dias triste. Chora com frequência, evita sair de casa e dorme bastante. "Até hoje pergunta se os dedinhos vão nascer de novo. Brinca com os pezinhos, pois tem dificuldades com as mãos", lamenta a mãe, Maria José Souza Silva.

A dona-de-casa recebeu com alívio a notícia sobre a responsabilidade da Ciplan no caso. Acredita que uma possível indenização pode ajudar a família, principalmente no próximo ano, quando Moisés atinge a idade de escolar. Por enquanto, Maria José pensa em se mudar da comunidade rural. Tem medo que os outros seis filhos se machuquem também. "Ninguém mais deixou munha por aqui, mas é sempre arriscado. O melhor é ir embora", afirmou.

O governo local estuda a possibilidade de transferir algumas comunidades rurais próximas de fábricas de cimento e de asfalto da Fercal. A Administração Regional de Sobradinho iniciou há dois dias cadastro para avaliar o perfil dos moradores e o risco na região. Existe a possibilidade de mudá-los para uma área de Sobradinho ou outras duas de Sobradinho II. (GG)

OS DESDOBRAMENTOS

Polícia

Investigadores da 35ª DP (Sobradinho II) indiciarão seis pessoas pelo acidente ocorrido com o garoto Moisés. Dois motoristas de caminhão, dois autônomos e dois gerentes da Ciplan responderão por lesão corporal gravíssima. Se condenados, poderão cumprir pena de até 8 anos de reclusão por terem assumido o risco de provocar um acidente ao abandonar a munha num terreno próximo à fábrica. O depoimento de um dos motoristas revelou que todos sabiam do perigo.

Justiça

A Ciplan deverá responder a uma ação civil pública por responsabilidade no caso. A

polícia concluiu que o acidente ocorreu em terreno da empresa. E que ela deveria cuidar da segurança dos arredores, inclusive de Queima Lençol. A Defensoria Pública poderá pedir indenização por danos morais e físicos contra a vítima. Advogado da empresa nega a culpa da fábrica. Diz que a segurança externa é de responsabilidade do Estado.

Moradores

A Administração Regional de Sobradinho cadastrará os moradores das 18 comunidades rurais localizadas nas proximidades das fábricas de cimento e de asfalto da Fercal. O levantamento servirá para

descobrir o número de habitantes na região e se existe necessidade de remover as famílias. A Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente poderá transferi-las para três lugares predeterminados. Um deles na Quadra 18, de Sobradinho. E outros dois em Sobradinho II.

A vítima

O garoto de 5 anos teve 40% do corpo queimado e perdeu dedos dos pés e das mãos. Segundo a mãe, Maria José, está traumatizado. Chora com frequência, tem medo de sair de casa e dorme boa parte do dia. A mãe acredita que ele precisará de uma escola especial ao atingir a idade escolar.